

SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL: PERSPECTIVAS INSPIRADORAS E DESDOBRAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

Letícia de Gusmão Almeida Xavier¹

Jamile Nascimento Silva Alves²

Fernanda Bessa da Silva Colombo³

FABRÍCIO, B. F. (Org.). *Sociolinguística interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. Rio De Janeiro: Mórula, 2020.

A organizadora da obra é a Prof.^a Dr.^a Branca Falabella Fabrício, professora associada do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ, com Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O livro é prefaciado pela Professora Branca Telles Ribeiro que, juntamente com o Professor Pedro de Moraes Garcez, organizou a coletânea “Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e discurso” em 1998. A obra de Garcez e Ribeiro (2002) contribuiu para o estabelecimento dos fundamentos da Sociolinguística Interacional (SI) em diálogo com outras grandes áreas que se propõem a investigar o uso da língua em situações de interação social.

A obra é composta por 336 páginas e é detalhadamente apresentada por Fabrício, delineando um apanhado histórico acerca do estudo do fenômeno da linguagem a partir dos anos 60. À época, o modelo chomskyano alicerçava as pesquisas em Linguística e, em razão disto, seus teóricos não enfatizavam os aspectos socioculturais da linguagem, uma vez que tal tarefa já era absorvida por outros campos do conhecimento. Em sequência, a autora introduz a Sociolinguística Interacional (doravante SI) a partir de uma seleção de nove textos que nos fazem passear pela evolução da SI desde seu início até a contemporaneidade.

O exemplar é dividido em três grandes seções que explicitaremos a seguir. A primeira apresenta os primórdios da SI por meio de textos daqueles que são considerados seus

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos. PPLIN/UERJ (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4574-3428>. E-mail: leticia.gax@gmail.com.

² Mestranda em Estudos Linguísticos. PPLIN/UERJ (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0739-0834>. E-mail: jamile.nascimento@gmail.com.

³ Mestranda em Estudos Linguísticos. PPLIN/UERJ (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6894-5963>. E-mail: feh.bessa16@gmail.com.

fundadores: Hymes, Gumperz e Goffman, articulando os campos da Linguística, Sociologia e Antropologia. A segunda parte traz um período de consolidação dessa área da Linguística Aplicada, dando enfoque à etnografia. Os autores selecionados por Fabrício para nos guiar através desse momento são Alessandro Duranti, Frederick Erickson e Ben Rampton. A última divisão do livro introduz uma SI já consolidada e em uso para a análise de objetos contemporâneos, tais como justiça social e globalização. Nesse contexto, os autores selecionados pela organizadora são Monica Heller, James Collins e Steff Slembroux.

A seção “Raízes teóricas e fontes inspiradoras da Sociolinguística Interacional” é iniciada pelo capítulo “Para uma etnografia da comunicação”, em que Dell Hymes busca explicar o conceito da etnografia da comunicação, sugerindo que investiga os significados da interação e da comunicação social. O autor assevera que, para desenvolver uma teoria da linguagem, é necessária a investigação direta do uso da linguagem, avaliando o contexto situacional com a intenção de perceber os padrões característicos das práticas de fala.

Hymes também afirma que, em uma pesquisa relacionada à língua, deve-se considerar – além dos dados linguísticos – a etnografia, a comunicação e, sobretudo, o lugar da linguagem na cultura e sociedade a serem analisadas, levando em conta os valores culturais, crenças e personalidades distintas dentro deste grupo.

Temos, ainda, a apresentação de Hymes dos principais aspectos do arcabouço comunicacional, sendo eles quatro: componentes dos eventos comunicativos; as relações entre esses componentes; as condições e o estado desses componentes; a atividade do todo assim constituído. O autor expõe a importância de cada um, esclarecendo-os detalhadamente.

Hymes também destaca a insuficiência de pesquisas comparativas no final do século passado, uma vez que eram dotadas de cunho estrutural. Desse modo, fez-se necessário a busca por novas abordagens, as quais enfatizassem tanto as funções quanto as estruturas. Tais análises realizadas por Hymes proporcionaram uma amplitude na variação dos estudos empíricos, dando destaque à etnografia da comunicação.

No capítulo intitulado “Sobre o método Sociolinguístico Interacional”, Gumperz elucida questões referentes à diversidade encontrada em sistemas linguísticos-culturais e como estas podem influenciar a vida cotidiana. Algumas pesquisas mostram que o significado comunicativo da diversidade passou e ainda passa por inúmeras divisões teóricas e, nesse sentido, há pesquisadores que consideram tais práticas como “habitus”, enquanto outros adotam uma visão mais construtivista, afirmando que os mundos sociais são forjados pela interação.

Na segunda seção, “Desenvolvimento da Sociolinguística Interacional”, no capítulo “Etnografia da Fala: por uma linguística da práxis”, Alessandro Duranti (2020, p. 150) apresenta o seu conceito de etnografia da fala (EF), que “[...] estuda as ações realizadas pela fala e como o discurso está relacionado a — e é construído por — aspectos da organização social assim como por pressuposições, valores e visões de mundo que falantes trazem consigo”. O método utilizado é o etnográfico, mas compreendendo técnicas de diversas áreas. Duranti menciona pragmática, análise da conversa, poética e história, além da relação entre a EF e a sociolinguística. Além disso, o autor discorre a respeito do uso da linguagem na etnografia e das preocupações com o trabalho feito pela linguagem. Distingue também a abordagem etnográfica da pragmática, como a primeira tendo “[...] maior preocupação com o contexto sociocultural de uso da linguagem” (DURANTI, 2020, p. 153).

O capítulo ainda trata da competência comunicativa defendida por Hymes (1972b, 1982b) e usada na EF, que vai além da chomskyana (1965); e do contexto, seja ele imediato ou sociocultural mais amplo, em que o autor detalha três importantes conceitos adotados na etnografia da fala: comunidade de fala, evento de fala e ato de fala. Ademais, Duranti nos traz a abordagem da análise da conversa (AC), com a qual, apesar de terem metodologias diferentes, a EF compartilha alguns pressupostos. Contudo, o que o autor nos esclarece, é a distinção de dois pontos de desacordo entre elas: o contexto e a universalidade do sistema de troca de turnos.

No capítulo intitulado “Microanálise Etnográfica”, Frederick Erickson elucida a Microanálise Etnográfica (ou Microetnografia da Interação Social). O autor a apresenta como um método e um ponto de vista, sob perspectivas relacionadas à micropolítica das relações sociais e à ecologia das relações entre os participantes. Ele discorre a respeito das origens da microanálise etnográfica através das cinco correntes de trabalho que influenciaram seu surgimento.

No capítulo intitulado “Etnografia linguística neohymesiana no Reino Unido”, Ben Rampton nos descreve o surgimento desta na Grã-Bretanha e suas imediações, entre 1990 e 2000, como um estudo de caso que, desenvolvido a partir de uma “[...] arena para análise de linguagem em sociedade [...]” (2020, p. 211) voltada para a “[...] produção do conhecimento no ensino superior [...]” (2020, p. 211) britânico. Com isso, Rampton ilustra a mudança como “[...] um movimento de ‘singulares’ para ‘regiões’ [...]” (2020, p. 226), segundo a abordagem de Bernstein, com questões que surgem fora de uma disciplina específica, no mundo real.

O autor esclarece como eram as abordadas as relações entre linguagem, cultura e sociedade em encontros de linguística durante a década de 90. Nesse cenário, diversas linhas

de pesquisa interagiram, sendo cinco as que, segundo Rampton, compõem o LEF: Sociolinguística Interacional (SI), Novos Estudos de Letramento (NEL), Análise Crítica do Discurso (ACD), pesquisa neovygotzkyana e Linguística Aplicada interpretativa para o ensino de línguas. Rampton apresenta uma pesquisa que liga a maioria dos etnógrafos da linguagem formalmente à educação ou à linguagem, articulando suas pesquisas a interesses práticos e frustração intensa com processos institucionais. Após introduzir o perfil dos etnógrafos, o autor destaca processos de pesquisa e disposições analíticas que se diferem dos antropológicos, sendo etnografias “orientadas ao tópico”, de perspectiva linguística e microanalítica.

Concebendo a Etnografia linguística como inserida nas “regiões interdisciplinares”, Rampton expõe as dificuldades encontradas nas questões teórico-metodológicas e na forma de divulgação das pesquisas. Contudo, ele ressalta o crescimento das pesquisas interdisciplinares e explicita as relações complementares e contraditórias entre a linguística e a etnografia.

No primeiro capítulo da terceira seção intitulada “Desdobramentos contemporâneos”, Monica Heller faz referência às contribuições deixadas por John Gumperz em seu trabalho envolvendo a comunicação intercultural. Os conceitos legados por ele, bem como as críticas desenvolvidas por outros estudiosos acerca de seu trabalho, alicerçam a percepção e o entendimento das diferenças culturais e desigualdades sociais.

Heller (2020, p. 249) ressalta que, para Gumperz, a interação seria um processo inferencial a partir do qual as pessoas relacionam “[...] recursos comunicativos específicos com quadros interpretativos particulares”. Essas inferências estão lastreadas no contexto de origem do falante, ou seja, são realizadas com base nos costumes e práticas da sua comunidade.

Em “Indexicalidades de línguas em contato em tempos de globalização: diálogos com o legado de John Gumperz”, James Collins, inicialmente, esclarece os conceitos de índice e indexicalidade no âmbito dos estudos de linguagem e sociedade. Na teoria dos signos de Charles Peirce, em 1955, por exemplo, os índices são definidos como signos semióticos que, segundo Collins (2020, p.265) revelam “[...] uma relação existencial ou causal entre a forma do signo e o significado”, o que orientou as investigações realizadas por Gumperz posteriormente.

No capítulo “Gumperz sobre indexicalidade”, Collins elucida que a indexicalidade relaciona-se com seu contexto de produção, a partir do qual os signos indexicais são mobilizados para revelar informações capazes de promover inferências e enquadres diversos, com base na interpretação e conhecimento prévio dos falantes. O autor esclarece que, para Gumperz, a depender das circunstâncias de ocorrência, um signo indexical pode apresentar diferentes significados, não sendo adequado defini-lo como estaque.

Para Collins, no jogo interacional delineado por Gumperz existem diversos tipos de índices, que se manifestam em diferentes camadas. Nesse contexto, a sociolinguística destaca os conceitos de signos metacomunicativos, que demandam uma manipulação consciente do falante, e as pistas de contextualização, majoritariamente produzidas no subconsciente.

Collins salienta, ainda, que a imposição de um enquadre remonta a um ato de poder, o que influencia o modo como o uso da linguagem é interpretado em determinada situação interacional. Além disso, as escalas espaçotemporais refletem as histórias e tensões vivenciadas por uma comunidade de falantes, e interferem nos processos de indexicalização.

No último capítulo, “Goffman e globalização: enquadres de participação e projeções escalares espaçotemporais em contextos multilíngues de base migratória”, escrito por James Collins e Stef Slembrouk (tradução: Joana Plaza Pinto e Marina Segatti), os autores analisam exemplos de fenômenos em situações de multilinguismo decorrentes de contextos migratórios. Assim, os exemplos ilustram o modo como o multilinguismo se concretiza em contextos distintos e, a partir deles, os conceitos goffmanianos são introduzidos e articulados.

No último capítulo, “Goffman e globalização: enquadres de participação e projeções escalares espaçotemporais em contextos multilíngues de base migratória”, escrito por James Collins e Stef Slembrouk (tradução: Joana Plaza Pinto e Marina Segatti), os autores dedicam-se a analisar exemplos de fenômenos em situações de multilinguismo decorrentes de contextos migratórios. As análises são respaldadas, principalmente, nas contribuições goffmanianas. Assim, são apresentados exemplos que ilustram o modo como o multilinguismo se concretiza em três contextos distintos e, a partir deles, os conceitos preconizados por Goffman são introduzidos e articulados.

O primeiro exemplo refere-se a uma investigação acerca de como um cartaz multilíngue de um banco em um bairro repleto de imigrantes em Ghent (Bélgica) é interpretado por três indivíduos distintos: uma turista turca de Istambul, um residente turco-belga e um flamengo de uma cidade vizinha. A pesquisa revela que cada participante interpreta e enquadra as informações contidas no cartaz através de uma lente singular, adotando escalas e perspectivas únicas.

No segundo exemplo, o hospital bilíngue Brugmann de Bruxelas é o cenário escolhido para compreender como os falantes enquadram e realizam mudanças de *footing* ao transitarem pelas duas línguas (francês/holandês) e lidarem com a percepção/codificação das interações. A equipe do hospital se comunica majoritariamente em francês, o que faz com que os falantes de

flamengo parem de frequentar o local. Há uma questão de resgate cultural, mas também política, envolvendo a necessidade de promover o uso do holandês no hospital.

O terceiro exemplo do capítulo ilustra o modo como as famílias mexicanas – em sua maioria, falantes de triqui – lidam com as dinâmicas interacionais trilingües, em que, conforme a ocasião, precisam falar triqui, espanhol ou inglês. Constatou-se que o triqui era utilizado majoritariamente em ambientes familiares, em interações realizadas entre falantes com uma certa intimidade. O espanhol e o inglês eram utilizados como línguas francas, tendo como objetivo geral a comunicação cotidiana. No entanto, ambas as línguas tinham finalidades específicas: o inglês era a língua de ascensão social, uma ferramenta que, uma vez dominada, conduziria o falante ao sucesso (projeção espaçotemporal). O espanhol, por sua vez, seria a língua de contato com os outros imigrantes, para, conforme elucidam Collins e Slembrouk (2020, p. 312), “[...] lidar com recém-chegados no novo lugar, ou retornar ao México, o antigo lugar”. Este exemplo sustenta a ideia de “cronotopo” de Bakhtin, em que, segundo os autores do capítulo, as narrativas do mundo social são afetadas por processos espaciais e temporais.

O capítulo é concluído com uma reflexão sobre a pertinência apresentada pelo arcabouço teórico legado por Erving Goffman no que tange à compreensão da cultura multilíngue nas interações cotidianas. Collins e Slembrouk afirmam que é necessário enxergar tais práticas linguísticas sob uma perspectiva mais apurada, investigando detalhadamente as práticas que alicerçam o significado situado.

Cabe ressaltar, como última consideração, que Collins e Slembrouk sustentam que as análises dos exemplos abordados jamais poderiam ter sido feitas se as pesquisas não tivessem cunho etnográfico. É fundamental que o pesquisador esteja, de alguma forma, *in loco* para perceber e compreender os detalhes espaçotemporais que subjazem às práticas comunicativas de uma comunidade de fala.

Após a leitura de todos os capítulos da obra, concluímos que a cuidadosa e aprazível seleção feita por Branca Falabella Fabrício introduz o leitor ao entendimento da SI de forma ampla e abrangente, sob uma perspectiva crítica e alicerçada por diferentes visões, destinando-se a apresentar e esclarecer as propostas e teorias voltadas para a compreensão da fala, da língua e da comunicação não só em seu contexto imediato, mas em sua inserção sociocultural. Além disso, a coletânea nos presenteia com visões metodológicas distintas e complementares no que diz respeito à interdisciplinaridade das etnologias e da perspectiva de análises sociointeracionais de questões emergentes da contemporaneidade.

Trata-se de um livro de grande potencial de alcance e amplitude, uma vez que concebe a linguagem sob vieses de diferentes áreas do conhecimento. Nesse cenário, infere-se que o interesse por sua leitura deve ser nutrido por aqueles que estudam, trabalham ou se interessam pela Linguística Aplicada, uma vez que a obra instrumentaliza o pesquisador que queira investigar interações na/da linguagem. Embora a coletânea seja dotada de um conteúdo denso, este é muito bem definido e explorado ao longo dos capítulos, conferindo robustez aos estudos voltados para a SI.

Referências

FABRÍCIO, B. F. (Org.). *Sociolinguística Interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

GARCEZ, P. M.; RIBEIRO, B. T. (Org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

Recebido em: 08/02/2024.

Aceito em: 14/03/2024.